

# APL

## Uma casa de cultura

Em ano de centenário, a Academia Paulista de Letras se prepara para retornar à sede, em reforma, e para ser mais participativa na vida cultural paulista

Por Marcella Chartier

Um grupo de 40 pessoas, escolhidas por afinidades intelectuais e importância de atuação na sociedade, com postos vitalícios que já foram ocupados por nomes como Sérgio Buarque de Holanda, Guilherme de Almeida, Miguel Reale, Mário de Andrade: a Academia Paulista de Letras (APL), sediada no Largo do Arouche, em São Paulo (fechada para uma reforma no momento), completa em 2009 cem anos de sua fundação. Vem à tona, de imediato, e por iniciativa dos próprios imortais, a discussão em relação ao verdadeiro papel da instituição. "Estamos tentando conferir outra perspectiva à Academia, que durante algum tempo ficou imersa em si mesma, já que é muito gostoso o convívio entre acadêmicos", afirma o presidente da entidade, o desembargador José Renato Nalini, autor (juntamente com o fotógrafo Márcio

no entanto, foi um médico: dr. Joaquim José de Carvalho. E antes que se pergunte o que a medicina tem a ver com as letras, deve-se ler o trecho de uma carta lida na sessão inaugural, de autoria do próprio médico: "(...) aqui se acham a jurisprudência, a economia política, a medicina... a teologia dogmática ao lado da reforma, do livre pensamento e do positivismo, a biologia, a filosofia, a interpretação dos fenômenos ocultos, a engenharia prática, a matemática, a cosmografia, a filologia, a linguística, o beletrismo, a poesia, a arte dramática, a música, o jornalismo, o parlamentarismo, todas as atividades operosas da inteligência humana, todas as opiniões... crenças por seus lídimos representantes, sem distinção de sexo, sem partidatismo, sem exclusão alguma, em mescla conveniente e simpática, em um convívio que queremos há de ser harmonioso (...)".

Por dez anos, tempo em que o dr. Joaquim José de Carvalho permaneceu como secretário-geral, a instituição funcionou de vento em popa. Após sua morte, porém, as dificuldades começaram a surgir por conta da falta de uma liderança incentivadora e envolvida com a causa. Foram, assim, dez anos de apatia, interrompidos por um processo de renascimento comandado por três acadêmicos: Pedro Augusto Gomes Cardim, Ulisses Paranhos e Amadeu Amaral. A consolidação da APL como instituição respeitada e de credibilidade cada vez mais reconhecida foi, desde então, um processo permanente. Ao longo do ano de 2009, período em que ficou sem a sede para a realização de sessões e celebrações do centenário, ela foi homenageada em algumas das instâncias mais importantes da cidade, como a Câmara Municipal de Vereadores,

ARQUIVO APL



O projeto original da sede da APL, no Largo do Arouche, é do arquiteto Jacques Pillon - e foi resgatado antes da reforma

Scavone) do livro *100 anos da Academia Brasileira de Letras*, lançado em junho pela Imprensa Oficial. A ideia é transformar a APL em um ícone de atuação cultural mais influente do estado de São Paulo.

Desde o seu surgimento, em 1909 - apenas 12 anos após a criação da Academia Brasileira de Letras -, a missão da APL é ser uma casa de cultura destinada à tutela do nosso idioma por meio da reunião do que há de representativo e significativo na literatura paulista. O responsável por sua fundação,

o Tribunal de Justiça, o Tribunal de Contas do Município, a Sede da Associação dos Magistrados, a FIESP, o Museu da Língua Portuguesa etc.

"Tem sido bem interessante para nós, porque, além de ser positivo saímos do nosso ambiente, mais pessoas passam a conhecer a Academia", diz o presidente Nalini. Leia, abaixo, a entrevista que ele concedeu à Dante Cultural.

**Dante Cultural - Após a morte do fundador da APL, houve o período de apatia. Por que isso aconteceu e como se deu a reestruturação?**

**Dr. José Renato Nalini** - É natural que a morte de seu maior entusiasta tenha trazido essa consequência para a Academia. Além disso, não foi fácil conseguir apoio. A ideia de "academia" é polêmica, ainda hoje as pessoas perguntam como se escolhe um grupo de 40 pessoas para representar uma população de 45 milhões.

**DC - Como um novo membro é escolhido e aceito pela instituição?**

**N** - A primeira coisa necessária é contar com o beneplácito dos que já são acadêmicos. Entram os que são simpáticos aos atuais integrantes, e foi por isso que a APL permaneceu, por um período, como uma espécie de clube entre amigos com as mesmas preocupações culturais, mas sem um compromisso maior com devolver à comunidade algum préstimo - era um convívio hermético. Nas últimas três gestões, pensamos que São Paulo merece ter uma Academia mais partícipe, que mostre principalmente à infância e à juventude que há uma instituição pela qual passaram os nomes mais representativos da literatura paulista - mas também da política, do direito, do clero, da medicina, da história etc. Os requisitos são: ter livros publicados ou ser uma personalidade que prestou serviços à cultura. Machado de Assis dizia que a Academia precisa de membros jovens para dar a liga. Chalita (*Gabriel, vereador*) trouxe um entusiasmo da juventude, assim como o historiador Jorge Caldeira e o jornalista e cronista Antonio Mendonça.

**DC - Como foi a sua entrada na APL?**

**N** - Sempre tive uma admiração muito grande por ela. A primeira pessoa que me incentivou foi o Rubens Scavone, que foi presidente da Academia, era procurador de justiça

e escritor de ficção científica. Ele estimulava e eu achava que era por carinho, não levava muito a sério porque não tinha (e continuo a acreditar que não tenho) méritos para estar nela. Aí fiquei amigo do Paulo Bomfim (*decano*), da Lygia Fagundes Telles, da Anna Maria Martins, fui criando um clima. Mas, enfim, para estar na Academia é preciso namorá-la, mostrar apreço, interesse, frequentá-la.

**DC - Quais os planos de inovação na APL após o retorno à sede reformada? (previsto para o primeiro semestre de 2010)**

**N** - Estamos tentando conferir outra perspectiva à Academia, que durante algum tempo ficou imersa em si mesma. Há muitos planos - um deles é fazer com que as escolas e as outras academias juvenis se aproximem para visitá-la. Queremos incentivar a pesquisa (temos uma biblioteca com cerca de 100 mil títulos digitalizados), fazer concursos temáticos e ter uma cátedra para resgatar a cultura bandeirista. Vamos também transformar o mezanino em um centro de pesquisas e permitir que a APL seja palco de eventos como lançamentos de livros, pequenas feiras e apresentações culturais.

DIVULGAÇÃO



*"Nas últimas três gestões, pensamos que São Paulo merece ter uma Academia mais partícipe, pela qual passaram os nomes mais representativos da literatura paulista - mas também da política, do direito, do clero, da medicina, da história etc", diz o presidente, dr. José Renato Nalini*

*O auditório do Dante foi um dos locais onde se realizaram eventos da APL durante a reforma de sua sede. Abaixo, as cerimônias de posse de Walcyr Carrasco e de Ruth Guimarães*

JOÃO FLORENCIO



# Ex-alunos e um ex-professor do Dante ocupam cadeiras na Academia Paulista de Letras. Conheça alguns dos imortais dantianos:

## Antonio Penteado Mendonça - cadeira 32



ARQUIVO PESSOAL

"Do Dante eu tenho lembranças de bom menino e de mau menino", afirma o ex-aluno Antonio Penteado Mendonça, que estudou no Colégio por 12 anos, desde a infância até 1970, pouco antes de se formar, já que fora convocado para o Exército. Prova de sua afirmação é o início de sua trajetória acadêmica. Apesar da bagunça e das suspensões que o fizeram ser reprovado em uma série da escola, sempre foi estudioso e se recuperou bem: foi o 4º colocado no vestibular de Direito da universidade do Largo São Francisco, a melhor do país. Entre as travessuras mais recorrentes está a fuga da escola em dia de aula. "Saíamos em grupo por um buraco que tinha no lado da Rua Peixoto Gomide, e íamos passear", lembra. Quando, ao saber-se procurado pelos inspetores tinha a sorte de passar

pela sala da dona Cinira, era protegido por ela, de quem lembra com carinho. "Ela me escondia na sala dela."

Dr. Antonio tornou-se advogado com várias especializações e hoje seu nome batiza um famoso escritório de advocacia. Publicou quatro livros e credita seu ingresso na APL especialmente ao decano Paulo Bomfim. "Minha entrada na Academia foi quase um roteiro desenhado por ele, que achou que eu devia começar a fazer parte e me ajudou a entrar antes em várias entidades de que sou membro até hoje, até que eu chegasse à APL", explica. Entre essas entidades estão o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (do qual ele é diretor), a Academia Lúsiada de Ciências, Letras e Artes, e a Academia Paulista de História.

## Paulo Nathanael Pereira de Souza - cadeira 12



ARQUIVO PESSOAL

Até hoje o dr. Paulo Nathanael Pereira de Souza sente saudades das salas de aula do Dante, onde foi professor de História Geral do Brasil de 1962 a 1968. Teve de deixar as aulas para atender a uma designação do MEC, que o convocou para ser delegado nacional do censo escolar brasileiro. "Sinto saudades, o Dante tinha a metade dos alunos que tem hoje e todos se conheciam. Todos os professores eram sempre muito camaradas", lembra.

A busca por melhoria na educação permaneceu, porém, como um dos ideais mais presentes em sua vida profissional. Depois de haver desistido do curso de Direito, que fez até o quarto ano, seguiu a vida acadêmica e se tornou doutor em Educação pelo Mackenzie. Publicou livros

e ensaios sobre o tema, além de ter colaborado com artigos para revistas especializadas. Já adquirira, portanto, os requisitos para entrar na Academia. "Sempre foi uma espécie de meta muito distante que eu olhava com muita esperança e carinho", conta. A amizade com alguns membros também já existia, e, na primeira tentativa, ele foi eleito. "Participo gostosamente do convívio desses intelectuais de primeira linha e me sinto feliz em estar ao lado deles", afirma. Como não podia ser diferente, dr. Paulo defende especialmente a aproximação da APL com as instituições de ensino. "Há um potencial imenso de multiplicação das tradições culturais em universidades e colégios. Espero poder contribuir de alguma forma para que a Academia cumpra melhor sua missão."

## Ada Pellegrini Grinover - cadeira 9

Quando chegou da Itália, em 1951, Ada Pellegrini Grinover já se matriculou no Dante. Ela ia a pé ao Colégio, atravessando os jardins do Parque Trianon, que tinha uma fauna mais rica do que a de hoje em dia, como a então estudante pôde apreciar numa circunstância que ficou na memória. "Um dia, um bicho preguiça caiu de um galho bem aos meus pés e me pus a gritar: 'um gorila, um gorila!'", conta.

Já do outro lado da rua, na escola, Ada começou a vida de atleta. Ela corria e o namorado, também aluno do Dante, arremessava dardos. "Foi no Dante que fomos revelados no esporte, e passamos a competir no atletismo Clube Pinheiros".

Mas a carreira profissional de Ada se deu mesmo no Direito. Também formada pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, a jurista se tornou professora da instituição, regendo os cursos de bacharelado, mestrado e doutorado.

Publicou livros e ensaios, não apenas de conteúdo jurídico, mas também um de memórias de infância, *A menina e a guerra*, que, publicado em 1998 pela editora Forense Universitária, lhe rendeu dois prêmios: o Alejandro

J. Cabassa, da União Brasileira de Escritores, e o de melhor narrativa no Concorso Internazionale Letterario Tito Casini, pela obra vertida para o italiano.

O convite para ingressar na Academia veio de Paulo José da Costa Jr., ocupante da cadeira 21. "O melhor de integrar a Academia são os encontros semanais, compartilhados com muitos amigos", afirma Ada, referindo-se aos chás que ocorrem às quintas-feiras e reúnem os acadêmicos mais participativos da instituição.



DIVULGAÇÃO APL

## O decano da Academia

### Paulo Bomfim - cadeira 35

O poeta Paulo Bomfim é o acadêmico que integra a Academia há mais tempo - desde 23 de maio de 1963. Jornalista, trabalhou na imprensa escrita (inclusive no *Diário de São Paulo*, de Assis Chateaubriand, a convite do próprio) e no rádio, além de ter dirigido o curso de Relações Públicas da Faculdade Cásper Líbero, considerado até hoje um dos melhores do país.

A carreira literária começou em grande estilo, em 1947, com a publicação de *Antônio Triste*: o prefácio era do poeta Guilherme de Almeida e as ilustrações, de Tarsila do Amaral. A obra foi agraciada, no ano seguinte pela Academia Brasileira de Letras com o prêmio Olavo Bilac. Continuou escrevendo e publicando

livros, que foram traduzidos para cinco idiomas. Um deles, *Armorial*, tem como tema a herança familiar do poeta, apresentada de forma mágica: o bandeirismo. Os acadêmicos têm, portanto, uma boa fonte de inspiração para realizar as homenagens aos bandeirantes na nova era da APL, intenção afirmada pelo presidente Nalini na entrevista das páginas anteriores.



DIVULGAÇÃO APL